

CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

**CIÊNCIAS
HUMANAS**

e suas **TECNOLOGIAS** >>

História

Edição revisada 2016

Fascículo 7
Unidades 13 e 14

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Vice-Governador

Francisco Oswaldo Neves Dornelles

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado

Gustavo Reis Ferreira

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado

Antônio José Vieira de Paiva Neto

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Elaboração de História

Gilberto Aparecido Angelozzi

Gracilda Alves

Sabrina Machado Campos

Denise da Silva Menezes do Nascimento

Márcia Pinto Bandeira de Melo

Marcus Ajurua de Oliveira Dezemone

José Ricardo Ferraz

Priscila Aquino da Silva

Inês Santos Nogueira

Renata Moraes

Erika Arantes

Maria José Carvalho

Rafael Cupello Peixoto

Gustavo Souza

Claudia Affonso

Revisão de Língua Portuguesa

José Meyohas

Coordenação de

Desenvolvimento Instrucional

Bruno José Peixoto

Flávia Busnardo

Paulo Vasques de Miranda

Desenvolvimento Instrucional

Aline Beatriz Alves

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Assistente de Produção

Bianca Giacomelli

Projeto Gráfico e Capa

Andreia Villar

Imagem da Capa e da Abertura das Unidades

Andreia Villar

Diagramação

Camille Moraes

Filipe Dutra

Fernanda Novaes

Larissa Averbug

Mario Lima

Núbia Roma

Ilustração

Clara Gomes

Fernando Romeiro

Renan Alves

Vinicius Mitchell

Produção Gráfica

Patrícia Esteves

Ulisses Schnaider

Sumário

Unidade 13 | Cultura e contra cultura nos anos 60 5

Unidade 14 | Golpes e ditaduras na América Latina 43

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço:
<http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos "nome de usuário" e "senha".

Feito isso, clique no botão "Acesso". Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!



Como você pode verificar no mapa da América Latina, a espacialização dessas fronteiras é feita por duas de suas que definem os territórios dos diversos países existentes na América Latina.

A divisão territorial dentro de um país é definida de diversas formas, a depender dos critérios definidos pelo seu governo. Há fronteiras internas que dividem regiões, estados e municípios. Há fronteiras administrativas, departamentais, provinciais e municipais. Há fronteiras que cada país define a sua divisão territorial. O importante é que cada país defina a sua divisão territorial de acordo com a sua cultura e compreensão de território.

Os indivíduos que formam um povo são em comum aspectos culturais, como: língua nacional, religião, história, cultura, entre outros. Podemos, no entanto, encontrar em alguns países, entre outros, cantos, da Índia, da China, da Rússia, entre outros, nacionalidades de extensão territorial que ao longo de sua história passaram para outros povos. São as chamadas na história "indivíduos culturais" que vivem sob a influência de um poder político central.



Cultura e contra cultura nos anos 60

Fascículo 7
Unidade 13

Cultura e contra cultura nos anos 60

Para início de conversa...

Você já ouviu falar em alguns desses nomes: Charles de Gaulle, Che Guevara, Fidel Castro, Indira Gandhi, John Kennedy, Martin Luther King, Mao Tsé-Tung, Richard Nixon, Yuri Gagarin? E estes, conhece? Andy Warhol, Beach Boys, Bob Marley, Bob Dylan, Elvis Presley, Frank Sinatra, Janis Joplin, Beatles?



Figura 1: Você conhece algum desses rostos? Ou será que se lembra de já ter visto alguns desses símbolos?

Sim ou Não? Bem, não faz muita diferença se você ainda não os conhece. Agora, depois desta unidade, você saberá quem foram essas pessoas e o significado dos símbolos que entraram para a História.

Se, por acaso, você já ouviu pelo menos três desses nomes, percebeu que o tema da nossa unidade é ANOS 60, período que ficou conhecido como os Anos Rebeldes, pois foram marcados pelos movimentos de contestação da ordem e pela Guerra Fria. Tanto no bloco capitalista como no comunista, o moralismo e o conservadorismo eram uma tônica importante, assim como manter a ordem e a boa vizinhança. E naquele momento, jovens, homossexuais, mulheres e negros reivindicando nas ruas seus direitos e apontando as falhas dos dois modelos econômicos eram vistos como uma ameaça à ordem estabelecida.

Mas os anos de 1960 chegaram e, com eles, milhares de sonhos, utopias, desejos e paixões. Os meios de comunicação avançavam, a aviação comercial crescia e aconteciam os movimentos de libertação das antigas colônias. Moralistas e amantes do amor livre, pacifistas e belicistas, políticos e estudantes, comunistas e capitalistas... Um mundo cheio de contradições e de lutas pela igualdade de gênero, raças e credos. Uma década de quebra de tabus e luta pelo novo. Enfim, o mundo não seria o mesmo depois da década de 60.

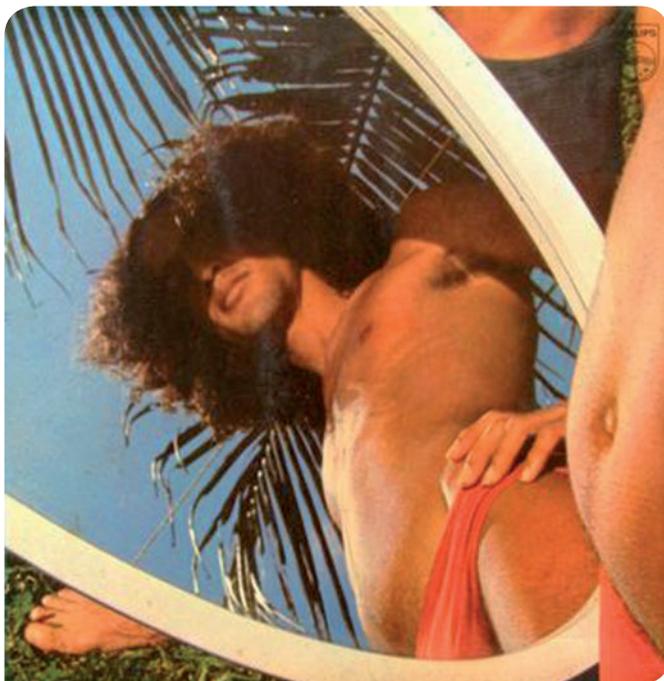
Vamos ver o que aconteceu?

Objetivos de aprendizagem

- Avaliar as mudanças sociais e políticas da década de 60;
- Identificar os anos 60 como anos de contestação da ordem estabelecida;
- Descrever os movimentos protagonizados pelos grupos ditos “marginalizados”;
- Relacionar os avanços da ciência diante dos desafios dos anos 60;
- Reconhecer o processo de Contracultura;
- Compreender o que é cidadania;
- Compreender o que é feminismo.

Seção 1

Cultura e contracultura nos anos 60



É proibido proibir

Caetano Veloso

E eu digo sim

E eu digo não ao não

E eu digo: É!

Proibido proibir

E eu digo:

É Proibido proibir

É proibido proibir...

“Duas outras palavras revelam também o espírito dessa década: contestação e rebelião. Os inconformados com o mundo em que viviam estiveram em todos os segmentos sociais e em todos os cantos do planeta, não só na Ásia e na África ou na América Latina. Mas, talvez, nenhuma contestação tenha sido tão extraordinária quanto aquela realizada pela juventude. Ao lado dos hippies e dos jovens envolvidos em outras manifestações da chamada contracultura, explodia a rebelião dos (...) universitários engajados nos movimentos estudantis. Pacíficos ou violentos, os jovens contestaram todas as estruturas: a capitalista e a socialista. *O não* unia todos eles” (PAES: 1992, 20).

Mas contra o que essas pessoas estavam se rebelando? Quais eram os padrões? O que os anos 50 deixaram como ordem, ou, dito de outro modo: o que os anos 60 resolveram quebrar? A cultura, o modo de vida “burguês”, a moral e os bons costumes, o encontro com a ordem estabelecida? O desejo de possuir, de consumir, a concentração de poderes em um só gênero ou em um só segmento social? O certo e o errado na forma de pensar e representar o mundo? Tudo isso será combatido nos anos 60, que foram chamados, como já vimos, de Anos Rebeldes.

Nascia uma geração de jovens questionadores da ordem: o que era certo e considerado de bom tom passou a ser criticado, como trabalho, casamento, virgindade, opiniões fechadas sobre o que esperar da vida e do mundo... Os jovens iam para as ruas pedir mais democratização, mais participação política, mais qualidade na educação; mais

oportunidades de mudança para construção de uma nova ordem. Aos jovens juntaram-se negros, mulheres e todos aqueles que se sentiam excluídos das decisões políticas. Nascia o que hoje chamamos **contracultura!**

O que é contracultura?

Contracultura foi um termo usado para caracterizar os diversos movimentos civis e políticos ocorridos durante os anos 60 e 70 do século passado em diversos países do Ocidente. Muitas vezes esse movimento foi chamado de *underground*. Sabe o que significa esse termo? *Abaixo da terra, subterrâneo*, na verdade representava o que estava abaixo do “oficial”, do “permitido”. Já viu a confusão que esse movimento causou, não é? Um movimento marcado pela intensa mobilização e contestação social que usava os novos meios de comunicação de massa. Não podemos esquecer que, até então, esses meios eram utilizados como arma poderosa pelos detentores do poder para impor padrões de comportamento e opiniões a todos que viviam naquele tempo.

A contracultura era uma resposta aos padrões instituídos, uma tentativa de questionar os valores centrais que vigoravam na sociedade. Essas contestações se fizeram mais presentes nos EUA, na Europa Ocidental (principalmente na França), e chegaram, embora com menos intensidade, a outros países do mundo capitalista e socialista. E, assim, vieram as novas formas de se vestir, de se comportar, de viver em comunidade, de ir para as ruas reivindicar com novas palavras de ordem como: paz e amor, amor livre, igualdade racial, igualdade entre os sexos, qualidade de ensino. Podemos destacar entre eles os movimentos antirracismos, os de libertação feminina, os pacifistas como *Power flower*, os movimentos estudantis, entre outros.

Nas artes a *POP ART*, ganhava cada vez mais adeptos. Mas, o que é *POP ART*?

Foi um movimento artístico iniciado na década de 50, que atingiu seu clímax nas décadas de 60 e 70 e defendia a necessidade de a sociedade aceitar a crise pela qual passavam as artes, devido à cultura de massa. No Brasil, em 1965, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, ocorreu o OPINIÃO 65, uma exposição que representava a *POP ART* em nosso país.

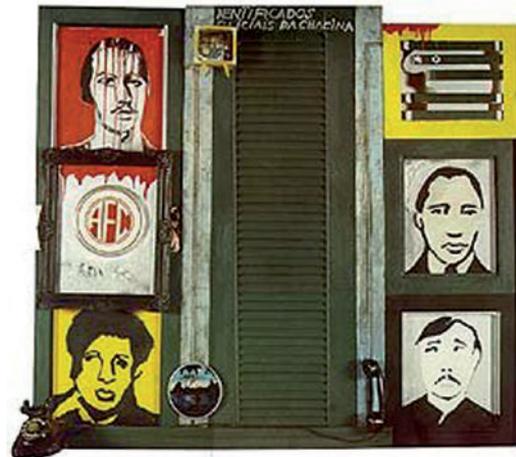


Figura 2: Pilares de Latas Campbell e Policiais identificados na chacina. Observe as imagens.

A primeira gravura foi elaborada pelo artista Andy Warhol que utilizou a técnica da serigrafia para representar a impessoalidade do objeto produzido em massa para o consumo, como as latas de sopa Campbell. Esta obra ficou conhecida como “Pilares de latas Campbell” no edifício da Academia Real Escocesa Edimburgo.

A segunda gravura é de Rubens Gerchman, e mistura pintura, colagem e vários outros materiais e se chama: “Policiais Identificados na Chacina (Registro Policial)”, 1968.

Meios de comunicação de massa.

Utilizamos o termo acima para denominar todos os veículos (imprensa falada, escrita e televisiva) de difusão de um tipo de cultura chamada cultura de massa. Os meios de comunicação de massa foram criados para definir o tipo de cultura produzida e consumida por uma sociedade que se baseou na produção e consumo de bens. Buscava fazer com que uma forma de pensar e se comportar fosse adotada por toda a sociedade, e para isso se utilizava dos meios de comunicação para veicular valores, padrões e desejos de forma uniforme. Tal produção cultural era utilizada pelos dirigentes da sociedade como forma de dominação da maioria.

A contracultura nasce para criticar esse tipo de cultura e questionar a dominação feita pelos meios de comunicação. Os versos iniciais da música “Admirável gado novo”, de Zé Ramalho, é uma das muitas críticas a essa sociedade: “Vocês que fazem parte dessa massa / Que passa nos projetos do futuro / É duro tanto ter que caminhar / E dar muito mais do que receber (...) E ver que toda essa engrenagem / Já sente a ferrugem lhe comer (...)”.



Agora é a vez das mulheres gritarem!!!!



Figura 3: Os movimentos femininos ocorreram em muitos países.

"A crise da família estava relacionada com mudanças bastante dramáticas nos padrões públicos que governam a conduta sexual, a parceria e a procriação. Eram tanto oficiais quanto não oficiais, e a grande mudança em ambas está datada, coincidindo com as décadas de 1960 e 1970. Oficialmente, essa foi uma era de extraordinária liberalização tanto para os heterossexuais, sobretudo para as mulheres, que gozavam de muito menos liberdade que os homens, quanto para os homossexuais. A crise da família estava relacionada com mudanças bastante dramáticas nos padrões públicos que governam a conduta sexual, a parceria e a procriação. Eram tanto oficiais quanto não além de outras formas de dissidência cultural-sexual"

(HOBBSAWM: 2001, p. 316)

As mulheres não ficariam em casa na década de 60. Tinham as ruas para conquistar: queimaram sutiãs, defenderam o direito sobre seu corpo e sua vida, reivindicaram liberdade e direitos iguais. O uso da pílula anticoncepcional (inventada no final dos anos 50) e o "abaixo sutiã" foram importantes símbolos dessa luta. Engravidar ou não, agora poderia ser uma escolha real para a mulher. Este é o momento da contestação contra a dominação sobre o "sexo frágil".

E depois dos gritos das mulheres, vieram os gritos dos negros, homossexuais, jovens...

Os movimentos em busca de reconhecimento dos negros, homossexuais, índios e outros grupos minoritários começaram a ter visibilidade a partir da década de 1950. No Brasil, essa trajetória é marcada por grandes embates nos anos 60, quando surgiram os primeiros movimentos de luta contra a política vigente dos governos autoritários. Todos eles

buscavam a igualdade perante a Lei para todas as camadas da população independentemente de cor, sexo ou religião.

Um representante dessas lutas foi o pastor Martin Luther King Jr, que conseguiu reunir no dia 28 de Agosto de 1963, mais de 250.000 pessoas em uma marcha pela paz e pelos direitos civis em Washington. Nessa passeata, Luther King fez o seu mais famoso discurso contra o **racismo** iniciado com a frase: **Eu tenho um sonho (I have a dream)** que ecoaria por todo o mundo até levá-lo ao Prêmio Nobel da Paz em 1964. O sonho de Luther King era de uma sociedade mais justa, com igualdade de direitos e o fim dos preconceitos de raça, cor e sexo.



Figura 4: Luther King Jr. proferiu seu discurso "Eu tenho um sonho" em agosto de 1963 frente ao Memorial Lincoln em Washington.

Vocabulário

Racismo: Conforme o artigo 20 da Lei nº 7.716/89, racismo é praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. O crime de racismo será aplicado quando as ofensas venham a menosprezar determinada raça, cor, etnia, religião ou origem. O racismo é um crime inafiançável e imprescritível, o que significa que não cabe fiança e não prescreve nunca, pois a vítima não tem prazo para responsabilizar o autor do crime.

Leia um pouco das suas ideias:

Fragmento do Discurso de Martin Luther King

Eu digo a você hoje, meus amigos, que embora nós enfrentemos as dificuldades de hoje e amanhã. Eu ainda tenho um sonho. (...)

Eu tenho um sonho que um dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado de sua crença - nós celebraremos estas verdades e elas serão claras para todos, que os homens são criados iguais.

Eu tenho um sonho que um dia nas colinas vermelhas da Geórgia os filhos dos descendentes de escravos e os filhos dos descendentes dos donos de escravos poderão se sentar junto à mesa da fraternidade. (...)

Eu tenho um sonho que minhas quatro pequenas crianças vão um dia viver em uma nação onde elas não serão julgadas pela cor da pele, mas pelo conteúdo de seu caráter. Eu tenho um sonho hoje!

Eu tenho um sonho que um dia, no Alabama, com seus racistas malignos, com seu governador que tem os lábios gotejando palavras de intervenção e negação; nesse justo dia no Alabama meninos negros e meninas negras poderão unir as mãos com meninos brancos e meninas brancas como irmãs e irmãos. Eu tenho um sonho hoje!

Esta é nossa esperança. Esta é a fé com que regressarei para o Sul. Com esta fé nós poderemos cortar da montanha do desespero uma pedra de esperança. Com esta fé nós poderemos transformar as discórdias estridentes de nossa nação em uma bela sinfonia de fraternidade. Com esta fé nós poderemos trabalhar juntos, rezar juntos, lutar juntos, para ir encarcerar juntos, defender liberdade juntos, e quem sabe nós seremos um dia livre. Este será o dia, este será o dia quando todas as crianças de Deus poderão cantar com um novo significado.

<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/discursodemartinlutherking.pdf>

Você agora já conhece mais um nome da nossa lista inicial!

Mas não pense você que os negros ficaram só nas ações pacíficas. Ao mesmo tempo em que Luther King ganhava o prêmio Nobel da Paz, surgiu o grupo "**Panteras Negras**", nome original do movimento revolucionário criado na Califórnia e que tinha como objetivo patrulhar os guetos negros para proteger os residentes contra a violência da polícia. Os Panteras Negras se envolveram em vários conflitos com a polícia por causa de suas manifestações, principalmente na década de 1960, quando foram reprimidos, sua liderança dissolvida e o movimento perdeu a simpatia dos negros. Com atividades mais discretas, porém, mais funcionais para suprir as carências dos negros, o **Partido**

manteve-se ativo até a década de 1980.

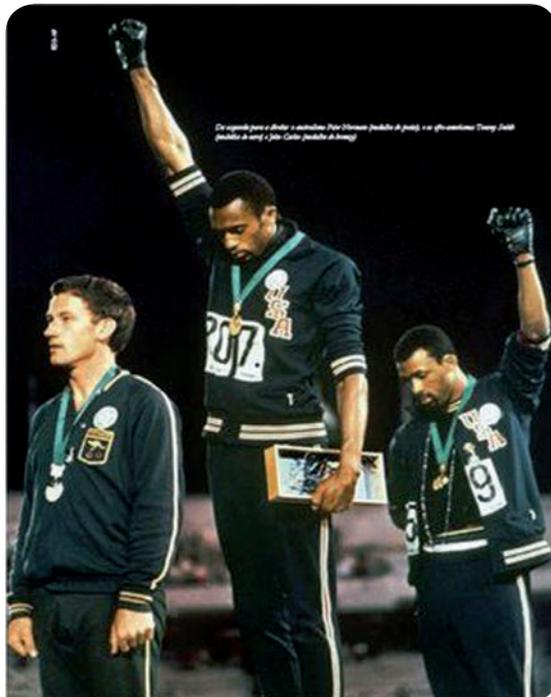


Figura 5: Atletas estadunidenses reproduzindo a saudação do “Black Power” na Olimpíada do México em 1968.

Um pouco mais sobre Martin Luther King

Leia atentamente o discurso de Martin Luther King citado anteriormente e veja se ele representa os interesses das minorias. Depois, retire do texto alguns trechos que mostrem o que jovens, negros e mulheres desejavam: igualdade e justiça social.



Anote suas respostas em seu caderno

Agora é a vez dos Jovens! Liberdade é a palavra-chave!



Figura 6: passeata estudantil

Em maio e junho de 1968 os movimentos estudantis explodiram em vários países. França, Itália, Alemanha Ocidental, EUA, Japão, México e Brasil reivindicavam democratização das universidades e liberdade de costumes, contestavam o modo de vida capitalista, além de pedir novo sistema educacional, político, familiar e trabalho mais livre. Mas isso não ficou restrito só ao bloco capitalista, pois ocorreu a chamada **Primavera de Praga**, na capital da Tchecoslováquia.

A “Primavera de Praga” foi um movimento liderado por intelectuais reformistas ligados ao Partido Comunista Tcheco, que teve início em janeiro de 1968 e durou até agosto do mesmo ano. Buscava-se a liberalização política na Tchecoslováquia e o fim do autoritarismo do socialismo tcheco. Durante esse período, o país vivenciou várias reformas como descentralização da economia e democratização política. Conquistaram certa liberdade de imprensa e de expressão. O movimento entrou para história como uma tentativa de criar um socialismo mais humano.

Os movimentos de Maio de 1968 no mundo

Os protestos que varreram o mundo em 1968 não buscavam apenas o estilo de vida chamado “paz e amor”. Aquela geração se permitiu várias experiências e questionou tudo e todos que os impediam de alcançar o sonho da

felicidade. Não importava a espécie de obstáculos que os estivessem impedindo de caminhar, seriam contestados, fossem de ordem política, social, sexual, ideológica ou comportamental.

Era proibido proibir!

Os estudantes franceses, por exemplo, estavam revoltados com a velha e ultrapassada estrutura de ensino e tomaram as ruas com barricadas que ficariam conhecidas como as “barricadas do desejo”. Eles levaram suas reivindicações para além da universidade e, junto aos operários, promoveram a maior greve geral da Europa. O Maio de 1968 em Paris foi uma transformação política e abriu caminho para as futuras e desejadas mudanças sociais e culturais que garantiriam e ampliariam direitos a grupos até então invisíveis como as mulheres, negros e homossexuais. Aliás, era o que dizia outro dos lemas do movimento: “A barricada fecha a rua, mas abre a via”.



Figura 7: Barricada de rua, em Paris, durante os eventos de maio de 1968 na cidade.

Este slogan traduzia toda a oposição da sociedade à guerra e às formas de repressão. O movimento modificaria profundamente os costumes sociais e causaria uma grande revolução na cultura, trazendo para os jovens a oportunidade de flexibilizar as regras, transgredi-las, modificá-las e, sobretudo, experimentar novas formas de se relacionar.



Saiba Mais

Os slogans irreverentes, alegres e provocadores escritos nos muros e cartazes espalhados por Paris foram uma das principais marcas dos protestos de estudantes e operários na França, em 1968. Estas mensagens não eram dirigidas somente ao Governo, aos patrões e às instituições, mas, dirigiam-se, também, aos próprios estudantes e às instituições da esquerda tradicional. Vejamos alguns destes slogans:

"Abaixo a sociedade de consumo."

"Parem o mundo, eu quero descer."

"As armas da crítica passam pela crítica das armas."

"A barricada fecha a rua, mas abre a via."

"O estado é cada um de nós."

"A imaginação toma o poder."

"A mercadoria é o ópio do povo."

"Não mudem de empregadores, mudem o emprego da vida."

"A poesia está na rua."

"O sonho é realidade."

"Só a verdade é revolucionária."

"A arte está morta, não consumamos o seu cadáver. "

"Não tomem o elevador, tomem o poder."

<http://www.dhnet.org.br/desejos/revoluc/mai68slg.htm>

E a caminhada continua...

Outra forma de protesto foi encontrada pelos jovens nos Estado Unidos da América, em 1969, onde ocorreu o Festival de música em *Woodstock*. Com a participação de artistas de diversos estilos musicais, como o *folk*, o *rock'n roll* e o *blues*, as críticas sociais se transformaram na temática do Festival. Woodstock trazia o lado romântico das ondas de protesto dos jovens que contestavam a família e a sociedade. Inspirado nesse ideal surgiu o movimento *hippie*, que centrava suas reformas nas transformações da consciência, dos valores e do comportamento através da busca de novos canais para que o indivíduo pudesse se expressar.

A influência de Woodstock foi tão grande que ainda hoje se tenta, de vários modos, repetir aqueles encontros de rock.

A década de 1960 registra muitas transformações e mudanças de comportamento que ocorreram entre os jovens e as principais delas traziam uma ideia central, o sentido de comunidade ou tribo que modificariam a forma de

convivência e de estar no mundo. Assim, podemos observar a negação dos valores vigentes, como o individualismo e a competitividade. A busca pela cooperação entre as pessoas era uma ideia nova, base de uma nova ordem coletiva. Os adeptos do movimento hippie passaram a viver em comunidades alternativas, baseadas no culto à liberdade, com a qual eles esperavam modificar a sociedade. Todas estas tentativas e novidades eram expressas no slogan “Paz e Amor”.



Figura 8: O símbolo da paz foi desenvolvido na Inglaterra como logotipo para uma campanha pelo desarmamento nuclear, e foi adotado pelos hippies americanos que eram contra a guerra nos anos 1960.

Em plena Guerra Fria, surgiram os movimentos pacifistas, como *Flower Power*, e ainda protestos contra a Guerra do Vietnã (1959-1975). Tais movimentos recusavam as injustiças e a desigualdade na sociedade; posicionavam-se contra o poder econômico militar, a segregação racial, além de valorizarem a Natureza.

Os hippies, impulsionados pelos protestos contra a Guerra Fria, a Guerra do Vietnã e o racionalismo da sociedade, aplicavam no seu cotidiano princípios como tolerância, liberdade sexual e igualdade entre as etnias e gêneros.



Figura 9: Músico trajado com vestuário hippie.

Seção 2

Cultura e contracultura no Brasil dos anos 60: O que rolava no Brasil....

“Houve um tempo, diz-nos Roberto Schwarz, em que o país estava irreconhecivelmente inteligente. Política externa independente, reformas estruturais, libertação nacional, combate ao imperialismo e ao latifúndio: um novo vocabulário – inegavelmente avançado para uma sociedade marcada pelo autoritarismo e pelo fantasma da imaturidade de seu povo – ganhava a cena, expressando um momento de intensa movimentação na vida brasileira.”

(HOLLANDA, Heloisa e GONÇALVES, Marcos: 1983, p.8)

Mas os acontecimentos de 1964 colocaram um limite nessa inteligência. O golpe de 1964 deu início ao regime militar no Brasil, que duraria até 1985. Porém, leia com atenção:

“O campo intelectual poderá desempenhar então, nessas condições, ainda que de forma não homogênea, um papel de “foco de resistência” à implantação do projeto representado pelo movimento militar”.

(HOLLANDA, Heloisa e GONÇALVES, Marcos: 1983, p.8).

A partir de agora, vamos entrar no Brasil dos anos 60 e verificar os acontecimentos. Nesses anos os brasileiros viram a inauguração de Brasília, a renúncia de Jânio Quadros, a instituição do parlamentarismo, a volta do presidencialismo com João Goulart e, finalmente, o golpe de 1964.

E a cultura como ficou? Ela é a produção de uma sociedade. Com tantos acontecimentos no Brasil e no Mundo, como ficou nossa produção cultural?

A Contracultura no Brasil

Depois que você estudou, na seção anterior, o que foi a contracultura e toda onda de contestação que se espalhou pelo mundo, deve estar se perguntando: será que esses movimentos chegaram ao Brasil?

Sim, claro! Embora não com os mesmos contornos do movimento no exterior. Basta observar que muitos dos artistas que estão hoje em cartaz e fazem muito sucesso começaram as suas carreiras na década de 1960. Muitos festivais de músicas aconteceram no Brasil naquele período, e Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque de Holanda são exemplos de artistas que surgiram naquele momento e se transformaram em intérpretes dos acontecimentos sociais e políticos do país. Você reconhece alguns deles durante suas apresentações nestes festivais? Eles se tornaram grandes ídolos da música brasileira!



Figura 10: Cantores brasileiros que se apresentavam em Festivais.

Os artistas buscavam na realidade brasileira sua inspiração. Surgiram diversas inovações no mundo das artes plásticas. Influenciados pela *Pop Art*, artistas inovavam buscando a participação do espectador, chamando-o para participar da obra. Nascia uma *Nova Objetividade*.

Os anos 60 marcaram a política e a cultura no Brasil, com os jovens nas ruas preocupados com os problemas brasileiros, buscando alternativas e contestando o discurso veiculado pelos meios de comunicação de massa. Nas universidades, os estudantes lutavam contra a ditadura e contavam com o apoio dos intelectuais. Cada vez mais, intensificavam seu ativismo político e questionavam os padrões morais existentes.

De um lado, havia uma cultura organizada mais voltada para o consumo de massa: em 1965 surgiu um programa de televisão apresentando Roberto Carlos e Erasmo Carlos, a “Jovem Guarda”, que rapidamente se tornou um produto lucrativo, com marca e diversos itens para serem vendidos no mercado.



Figura 11: Álbum da Jovem Guarda.

De outro lado, havia a cultura marginal, uma produção alternativa: Pasquim, Movimento e Opinião. O Cinema Novo com Glauber Rocha, reconhecido mundialmente, tinha como norma: “uma câmera na mão, uma ideia na cabeça”. Glauber realizava experiências inovadoras e seus filmes criticavam a pobreza e as desigualdades sociais no Brasil.



Figura 12: Cartaz da galeria G4 – Rio de Janeiro

Vocabulário

Contracultura: [...] “De outro lado, o mesmo termo (contracultura) pode também se referir a alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às forças mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. (...) Uma contracultura, entendida assim, reaparece de tempos em tempos, em diferentes épocas e situações, e costuma ter um papel fortemente revigorador da crítica social.” (PEREIRA, Carlos Alberto Messeder: 1992,p. 20).

A década de 1960 pode ser dividida em três momentos: O primeiro (1960 a 1965) é marcado pela empolgação das manifestações sociais e, no que se refere à política, percebe-se o idealismo e entusiasmo no espírito de luta do povo. Entre 1966 e 1968, registramos um tom mais crítico e os protestos da juventude contra o endurecimento dos governos. E a partir de 1968, com o AI-5, a liberdade foi perdida e o endurecimento do governo militar fez nascer uma outra opção para os contestadores: a luta armada.



Figura 13: Capa do Jornal Folha de São Paulo. A contestação à ordem foi sem dúvida a tônica dos anos 60. Vamos detalhá-la melhor!

De nada adiantou a defesa dos bons costumes do Presidente Jânio Quadros (1961), já que nas décadas de 1950-60 os corpos começaram a se desnudar como nunca acontecera, embora o clima de conservadorismo ainda pairasse no ar. As instituições, como o casamento, começaram a mostrar algumas brechas e os votos de “até que a morte nos separe” foram ficando para trás com o desquite. Embora houvesse uma maior tolerância, e a virgindade fosse valorizada, as experiências e liberdades sexuais masculinas continuavam consentidas e a sexualidade feminina ainda se restringia ao casamento convencional. Mas isso não tirou o feminismo do foco desses movimentos no Brasil: a nudez chegava ao cinema e as mulheres foram para a rua. E Leila Diniz foi a maior representante dessa época com os escândalos que causava ao mostrar a sua gravidez usando biquíni na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, pois até então se dizia que mulher não usava biquíni, não falava palavrão e muito menos mostrava seu estado de grávida. Esse tipo de comportamento causava desconforto no país e parecia como uma grande afronta à sociedade. Por causa de mulheres como Leila Diniz, hoje a posição da mulher brasileira mudou bastante.

Mas não se iluda, pois, se nos anos 60, as mulheres iniciaram uma série de conquistas, nem tudo ainda está vencido e continuamos precisando da proteção da Lei Maria da Penha! A violência contra mulheres, crianças, homossexuais e negros ainda tem de ser combatida. Em recente pesquisa, ficou comprovado que, mesmo com a lei Maria da Penha, o número de assassinatos de mulheres entre 20 e 45 anos diminuiu menos do que se esperava após a aplicação da lei.

Saiba Mais

O escritor Frei Betto assim se refere ao movimento feminista: “O movimento feminista organizado surgiu nos EUA, na segunda metade dos anos 60. Logo expandiu-se pelos países do Ocidente, propugnando a **libertação** da mulher, e não apenas **emancipação**. Qual a diferença? Emancipar-se é equiparar-se ao homem em direitos jurídicos, políticos e econômicos. Corresponde à busca de igualdade. Libertar-se é querer ir mais adiante, marcar a diferença, realçar as condições que regem a alteridade nas relações de gênero, de modo a afirmar a mulher como indivíduo autônomo, independente, dotado de plenitude humana e tão sujeito frente ao homem quanto o homem frente à mulher.” (FREI BETTO. Marcas de Batom. **Caros Amigos**, ano V, n. 54, set. 2001, p.16.)

Mas não foram somente as mulheres que ganharam as ruas, pois, como vimos no início da seção, jovens, estudantes secundaristas e universitários também se tornaram visíveis. Assim como no resto do mundo, em 1968, os estudantes brasileiros lutavam na rua contra o autoritarismo do governo brasileiro, como na Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro.

Os estudantes foram às ruas pela democratização do ensino, pela queda da ditadura, pela quebra de padrões morais antigos enraizados na sociedade brasileira, pela resolução de problemas sociais. A UNE (União Nacional dos Estudantes) foi fechada e sua sede invadida pelas tropas do governo. O confronto entre estudantes e militares foi inevitável e muitos desapareceram depois de serem perseguidos e presos, e, nunca mais voltaram.



Figura 14: Passeata estudantil

Juntos aos estudantes, intelectuais também iam às ruas para criticarem o regime militar. Lembra-se do texto inicial? O Brasil tinha iniciado com a democracia de governos anteriores uma verdadeira mudança social: educação popular, CPCs (Centro Popular de Cultura), a arte já era engajada, não dava mais para voltar atrás. A poesia já era concreta, como retroagir?

Se a Liga Camponesa já havia se mobilizado, como voltar atrás na discussão da Reforma Agrária? As chamadas reformas de Base já eram conhecidas pelos trabalhadores organizados pelo Comando Geral dos Trabalhadores (CGT).

Assim, a mobilização vivenciada em 1964, ganhou novamente as ruas em 1968. **Junto com o mundo, setores da sociedade brasileira gritavam pela LIBERDADE!**



Figura 15: Passeata dos cem mil e ação militar na sede da UNE

Na música o abandono da Bossa-Nova e a chegada de novo estilo: O Tropicalismo

O movimento tropicalista pode ser visto como uma releitura do antropofagismo moderno. A ideia de pegar as influências estrangeiras e transformá-las em música brasileira foi defendida pelo movimento. Em um momento de transformação vivido no mundo todo, o Brasil não poderia ficar de fora. Nasceram artistas como Caetano Veloso, Tom Zé, Gilberto Gil, entre outros, que iniciariam o movimento chamado Tropicalismo.

Seus participantes vestiam-se como hippies, contrariando a estética da sociedade da época. Em 1968 foi lançado o álbum que seria o manifesto musical do movimento e do qual participariam vários artistas, poetas e maestros, além de Gilberto e Caetano.

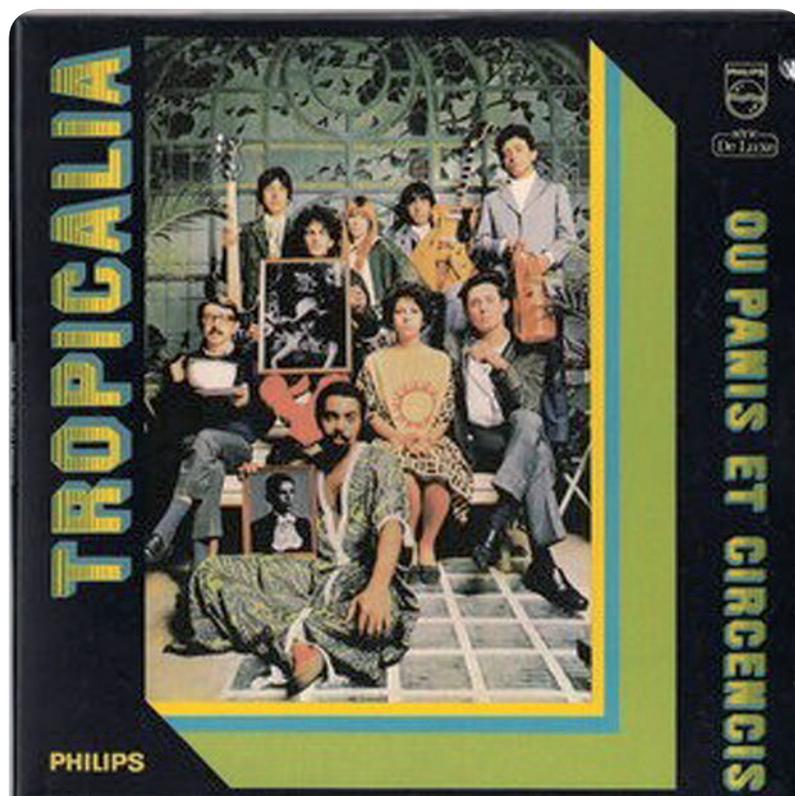


Figura 16: Disco Tropicália

Observe as palavras no disco “Tropicália ou Panis et circensis”, ou seja, Pão e Circo.

Você sabe o que significa essa expressão?

Política de Pão e Circo, ou melhor, do alimento e diversão. Foi uma política surgida no Império Romano que desejava evitar manifestações do povo, desviar a atenção dos cidadãos romanos dos acontecimentos políticos e econômicos ocorridos no Império. Pense na relação existente entre o nome do disco e o momento político da época: 1968 / AI-5/ lançamento do disco com críticas à ditadura civil-miliar. Resultado, vários desses artistas ou se calaram ou amargaram o exílio.



A primeira música do álbum é "*Miserere Nóbis*", de Gil e Capinan, e uma das mais conhecidas, e que dá nome ao disco, é *Panis et Circences* (em latim significa "Pão e Circo") de autoria de Gilberto Gil e Caetano Veloso. Esta música começa com a introdução de um antigo programa de rádio chamado "O Repórter Esso" e é uma crítica à ditadura dos governos militares. A música conta com sons que lembram uma família jantando e alerta que a vida não é apenas nascer e morrer, e que, às vezes, precisamos inventar e reinventar, principalmente como nos tempos de silêncio de uma Ditadura arrogante e contra a qual todos lutaram.

E chegou a televisão...

Como meio de comunicação de massa, a televisão veio revolucionar a vida das famílias brasileiras. As notícias, as telenovelas, os festivais da Canção e os programas humorísticos ganhavam espaço dentro da casa dos brasileiros. Com eles, novos comportamentos, novas culturas, novos temas foram se tornando populares. A cultura de massa ganhava cada vez mais espaço, mas, nas ruas, estudantes, políticos e intelectuais lutavam contra um regime político autoritário. A cultura de massa, aquela da seção anterior, ganhava um elemento novo no Brasil, poderoso elemento de veiculação de imagens, falas e comportamentos desejados.

O rádio chegou ao final dos anos 50 como o mais importante dos veículos de comunicação de massa e era considerado fundamental na formação dos hábitos da sociedade brasileira, além de ter ajudado a criar novas práticas culturais e de consumo. Não podemos pensar a década de 60 no Brasil sem considerarmos os Diários Associados de Assis Chateaubriand, do qual faziam parte a revista *O Cruzeiro* e a TV Tupi de São Paulo, inaugurada no início dos anos 50, que já começava a se propagar de modo ainda tímido, como um veículo de comunicação da classe média. Nos anos 60, a televisão começou a se popularizar e os investimentos em novas tecnologias permitiriam maior agilidade e alcance da informação, iniciando as condições para que a televisão se consolidasse como o mais importante veículo de comunicação, hoje.



Figura 17: Aparelho de televisão nos anos 60.

Em setembro de 1969, estreou o Jornal Nacional da Rede Globo, que passou a ser transmitido em rede nacional e marcou o início das operações da Rede Globo no Brasil. Mas, seriam dois outros tipos de programas que contribuiriam para a consolidação da televisão como o grande fenômeno de comunicação: o programa de auditório, com os comunicadores como Chacrinha e Flávio Cavalcanti, e a telenovela.

Lutas...

Percebemos que as lutas das mulheres brasileiras nos últimos anos e sua participação em diferentes movimentos têm afirmado sua cidadania. Desde a década de 1960 muitas foram as conquistas das mulheres e o progresso do movimento feminista se torna cada vez mais visível. Mas, pergunta-se: todos os objetivos deste movimento foram alcançados plenamente? Por quê? Reflita sobre o tema e pesquise no seu cotidiano para redigir sua resposta.



Anote suas respostas em seu caderno

Seção 3

Trabalho e cidadania nos anos 60: Limites e avanços.

"O povo unido jamais será vencido."

Jorge Eliecer Gaitán (advogado, prefeito e ministro colombiano)

Quem já não ouviu essa frase, palavra de ordem ou grito nas ruas?

Apesar de ser de origem colombiana, essa frase representa um chamado ao direito, à cidadania. Usada e reutilizada em vários momentos da história, ficou conhecida no Brasil ao ser cantada e falada em movimentos políticos que discutiam os direitos do cidadão. Mas, e nos anos 60? Podemos escutá-la nas ruas?



Figura 18: Movimento por eleições diretas

Como você já viu na seção anterior e irá estudar mais detalhadamente em unidades posteriores, o Brasil em 1964 passa pelo Golpe militar, quando se inicia um período de falta de liberdade, censura e suspensão dos direitos do cidadão brasileiro.

Vimos que a mulher e segmentos sociais antes marginalizados iniciam seu processo de luta pelos seus direitos, trabalho, igualdade social e, sobretudo, pela Liberdade.

A cultura se transforma e passamos a trabalhar os problemas sociais brasileiros nas produções culturais como artes plásticas, teatro, cinema e televisão. As conquistas anteriores, como a mobilização de trabalhadores urbanos, camponeses, mulheres, estudantes e intelectuais vividas em 1964, voltam à cena em 1968.

Mas por que lutar? Para que lutar? Por quem lutar?

Da promulgação da Constituição de 1946 até o Golpe de 1964, o Brasil passou pela sua primeira experiência democrática: direitos sociais foram garantidos, o povo foi às urnas e elegeu um presidente... Sem dúvida houve um grande avanço nos direitos de cidadania: liberdade de expressão, liberdade de organização, liberdade religiosa. Mas, nem tudo estava resolvido: negros, mulheres e homossexuais, dentre outros grupos, ainda estavam marginalizados. As elites tinham acesso à justiça garantido, mas o mesmo não ocorria com os grupos menos favorecidos.

O que podemos concluir? Concluímos que durante este período os direitos políticos e sociais dos cidadãos sofreram um avanço, mas os direitos civis ainda levariam tempo.

Seus direitos

“(...) Assim, quando imagino o cidadão brasileiro, penso naquele ser fragilizado pela ausência de reconhecimento social, naquele indivíduo sem rosto, sem direitos e sem recursos, colocado numa espera interminável que é o símbolo mais perfeito, no Brasil, da ausência de uma verdadeira cultura da cidadania. Vale infelizmente dizer: de uma cultura igualitária, aberta à mobilidade. Uma cultura efetivamente moderna e democrática, na qual os direitos individuais são contemplados efetivamente na prática social, e não apenas nas leis. Porque ninguém sabe melhor do que nós como é fácil contemplar tais direitos nas leis.”

(DAMATTA, Roberto. Um indivíduo sem rosto. In: *Brasileiro: Cidadão?* São Paulo: Cultura Editores Associados, 1997. p.5-6).

Estas palavras ainda são aplicáveis aos dias atuais? Escreva um pequeno texto expressando sua opinião.

Anote suas respostas em seu caderno



Mas, o que a nossa atual Constituição nos fala? Vejam alguns trechos da Constituição Cidadã de 1988:

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I - a soberania;

II - a cidadania;

III - a dignidade da pessoa humana;

IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

V - o pluralismo político.

Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Observe o Artigo 205.

Dentre os direitos do cidadão encontramos o trabalho e a qualificação para o trabalho. Como andava esse tema nos anos 60?

Dando voz às mulheres

"Eu via as mulheres à minha volta, incluindo eu mesma, ávidas por romper padrões. E ao mesmo tempo, com toda a culpa cristã inculcada por nossas mães, com pavor de fazer isso", conta Ana, que casou tarde para os padrões da época: em 1962, aos 25 anos. E, mesmo assim, só após um "ultimato" do noivo. Ou casa ou nos separamos. "Eu tinha dúvidas se era isso o que eu queria naquele momento. Eu amava muito meu noivo, queria ficar com ele. Sabia que existiam opções ao casamento

tradicional, mas nem tive coragem de propor", conta Ana, que na época trabalhava como secretária executiva em uma grande empresa. "Eu ganhava meu dinheiro. Mas ficava entre minha vida e o amor que eu sentia por ele. Então resolvi casar."

Paladino, Patricia. *Anos 60: a década da virada*. Disponível :http://www.paranavaianos60.com/2010/news_2.php acesso 18/09/2013

Como vimos, os direitos políticos e sociais estavam garantidos para a maioria masculina, mas como as mulheres se sentiam, em seu momento de luta e no seu momento de inclusão no mercado de trabalho? A mesma autora nos escreve:

"Durante os anos 60 e 70 houve a expansão do ensino universitário e com isso as mulheres puderam entrar para a universidade, passaram a pensar na vida profissional de uma forma diferente das mulheres das décadas passadas. Antes, elas faziam o curso Normal para serem professoras, ou um curso técnico de enfermagem. A partir da universidade, as mulheres ampliaram seu campo de atuação no mercado de trabalho", atesta Mirian Goldenberg.

Paladino, Patricia. *Anos 60: a década da virada*. Disponível :http://www.paranavaianos60.com/2010/news_2.php

Os anos entre 1969 e 1973 no Brasil foram marcados por forte crescimento da economia. O termo "milagre" está relacionado com este rápido e excepcional crescimento econômico pelo qual passou o Brasil neste período e que foi propiciado pelo PAEG (Programa de Ação Econômica do Governo), implantado em 1964, durante o governo de Castelo Branco.

O nível de emprego durante o Milagre Econômico vivido pelo Brasil, nos anos 60 e 70, forçou o universo masculino a abrir as portas do emprego para as mulheres, que até os anos 60, em geral, não "trabalhavam fora" e, quando trabalhavam, eram professoras ou enfermeiras, na melhor das opções. Contudo, com um nível pleno de emprego, novos cargos e postos de trabalho foram surgindo e a possibilidade de divórcio e a pílula anticoncepcional impulsionavam a mulher para fora de casa, se deparando com um mundo cheio de novidades.

Mas nem tudo eram flores! Enquanto alguns setores se beneficiavam com o pleno emprego, com os cursos profissionalizantes do Senac e Senai, outros setores, como os pequenos proprietários de terras, iam desaparecendo, pois não tinham como concorrer com uma agricultura mecanizada. Era a agroindústria chegando, para ficar.

Diante da nova característica brasileira no campo, a agroindústria, movimentos no campo foram ganhando força, sobretudo no período de redemocratização. Vale a pena ressaltar o MST (Movimento dos Sem Terra) e o MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores). Esse último, menos conhecido que o primeiro, hoje trabalha com a ideia de Soberania Alimentar, questionando os alimentos transgênicos.



O trabalho nos anos 60

Alguns dos direitos dos trabalhadores que hoje conhecemos e temos como naturais, foram oriundos da década de 60. Como podemos observar a seguir:

Em 1962, através da Lei 4090, ainda no governo de João Goulart, foi criada a Gratificação de Natal, mais conhecida como Décimo Terceiro Salário. Deve ser pago ao empregado em duas parcelas até o final do ano tendo como referência o mês de dezembro. Em 1967, foi a vez do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), que além de um instrumento de proteção aos empregados demitidos sem justa causa, foi, ainda, um dos primeiros mecanismos de flexibilização das leis trabalhistas para acabar com a estabilidade do trabalhador, então existente. Antes da criação do FGTS, o trabalhador que completasse dez anos de trabalho em uma empresa tornava-se estável, e, deste modo, só poderia ser demitido se cometesse uma falta grave. Os empregadores são obrigados a efetuar depósitos mensais em contas abertas e vinculadas para cada trabalhador. O cidadão recebe esse dinheiro quando é demitido sem justa causa, mas também pode sacar o FGTS em caso de alguma doença grave ou para a compra da casa própria (ou, ainda, quando se aposenta).



Depois de 1930, o Estado passa a definir os direitos e os deveres relativos à organização das práticas produtivas; aceita as associações profissionais como interlocutores; reconhece como oficiais as organizações dos sindicatos. Com a criação do Ministério do Trabalho, a legislação trabalhista é promulgada como corpo jurídico válido nacionalmente. Esses atos inauguram no Brasil a constituição da cidadania nacional. Tal modelo se mantém por três décadas. Até o golpe militar de 1964, a noção de cidadania permanece vinculada ao emprego estável, assalariado e urbano, priorizando o espaço fabril de produção e mantendo como interlocutores privilegiados os trabalhadores e os empresários das grandes empresas. Se, por um lado, essas ações representam um avanço nas relações de trabalho, antes despojado de mediações, por outro, acabam excluindo a maioria dos trabalhadores. (GIULANI. In: PRIORE: 2004, p.641).

Se o FGTS pôs fim à estabilidade no emprego e a política salarial nos governos militares era baseada no arrocho, podemos perguntar: os direitos dos trabalhadores foram respeitados? E a cidadania? Você já percebeu que as discussões sempre se referem a trabalhadores, patrões, ministros? E as mulheres? Não eram trabalhadoras, patroas, ministras? Por que sempre se fala no masculino plural? Vamos refletir sobre isso e sua influência no mundo do trabalho? Para melhor pensar nessas questões, utilize o que você aprendeu em unidades e seções anteriores.

Leia o artigo abaixo da historiadora Carla Bassanezi sobre as mulheres brasileiras na década de 1950 e que contribui para a compreensão dos papéis considerados ideais naquele momento:

“Diante da onda de transformações que abarcava o país, os comportamentos entre os sexos também foram alterados, já que vivendo nas cidades, homens e mulheres tornaram-se mais próximos, contribuindo para modificações nas práticas sociais familiares. Os papéis considerados “femininos” e “masculinos” continuavam distintos, nivelados pela moral sexual que previa para os homens a autoridade sobre as mulheres, sendo responsável pelo sustento da esposa e dos filhos. (...) A moralidade do momento era favorável às experiências sexuais masculinas, restringindo a sexualidade feminina ao casamento convencional”.

(BASSANEZI:2004, p.608).

A publicação do livro "O segundo sexo" de Simone de Beauvoir influenciaria os movimentos feministas, pois mostrava que a hierarquização dos sexos é uma construção social e não uma questão biológica.



Figura 19: Simone de Beauvoir (1908 -1986) pensadora francesa e autora de “O segundo sexo”, obra em que faz uma revolucionária análise sobre o papel das mulheres na sociedade.

Apesar de constatarmos um avanço na consolidação dos direitos da mulher no mundo, ainda não se pode dizer que elas conquistaram uma posição de igualdade em relação aos homens, que continuam tendo os empregos mais bem remunerados.



Arte e denúncia

Observe o texto a seguir. É um fragmento da letra da música *Cidadão*, de autoria de Lúcio Barbosa e interpretada por Zé Ramalho no disco *Frevoador*, de 1992. Após uma leitura atenta, responda: quais as questões sociais denunciadas pela música?

Tá vendo aquele edifício moço / Ajudei a levantar / Foi um tempo de aflição, era quatro condução / Duas pra ir, duas pra voltar / Hoje depois dele pronto Olho pra cima e fico tonto / Mas me vem um cidadão / E me diz desconfiado / "Tu tá aí admirado ou tá querendo roubar" / Meu domingo tá perdido, vou pra casa entristecido / Dá vontade de beber / E pra aumentar meu tédio Eu nem posso olhar pro prédio que eu ajudei a fazer Fonte: http://www.ifrj.edu.br/webfm_send/2213



Resumo

- O surgimento do movimento feminista trouxe muitos efeitos na vida das mulheres em muitos países, principalmente no Brasil.
- O imaginário social e cultural mobilizou estudantes e operários franceses no movimento "Maio de 1968", em Paris.
- O movimento Tropicalista contribuiu para a ruptura de padrões comportamentais a partir dos anos 60.
- A década de 1960 no Brasil foi marcada por mudanças sociais e políticas e por movimentos contestadores da ordem estabelecida.
- Os movimentos civis buscavam o reconhecimento social de grupos *marginalizados*.
- A contracultura foi um movimento que contestava as ordens social, política e cultural estabelecidas.

Veja Ainda

Filmes:

- *Besame Mucho*. Aborda a trajetória de dois casais amigos desde a adolescência nos anos 50, em uma cidade do interior de São Paulo, até os “não tão dourados anos 1980”. Lançado em 1987. Direção: Francisco Ramalho Júnior, que divide o roteiro com Mário Prata.
- *Barbarella (1968) de Roger Vadim, com Jane Fonda*. No século XXXXI as guerras já foram abolidas há muito tempo, mas Barbarella (Jane Fonda), uma bela agente, recebe um comunicado do Presidente da Terra (Claude Dauphin), dizendo que uma arma foi inventada e que isto pode perturbar a paz no universo. Assim, sua missão é evitar que tal mal aconteça.
- *Terra em Transe (1967)*. De Glauber Rocha com Jardel Filho, Paulo Autran. Considerado o mais importante e polêmico filme de Glauber Rocha, é um dos precursores do Cinema Novo e do movimento tropicalista. Conquistou o Prêmio da Crítica Internacional no Festival de Cannes de 1967.
- *Aconteceu em Woodstock*. Ang Lee, 2009.

REFERÊNCIAS

- DAMATTA, Roberto. Um indivíduo sem rosto. In: *Brasileiro: Cidadão?* São Paulo: Cultura Editores Associados, 1997.
- FREI BETTO. Marcas de Baton. *Caros Amigos*, ano V, n. 54, set. 2001.
- GIULANI, Paola Cappelin. In PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- HABERT, Nadine. *Década de 70. Apogeu e crise da ditadura militar*. São Paulo: Ática, 2006.
- HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos - O breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HOLLANDA, Heloisa e GONÇALVES, Marcos. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PAES, Maria Helena Simões. *A década de 60: Rebeldia, contestação e repressão política*. São Paulo: Ática, 2004.

- PALADINO, Patrícia. *Anos 60: a década da virada*. Disponível: em http://www.paranavaianos60.com/2010/news_2.php (acesso 18/09/2013).
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- PILAGALLO, Oscar. *A História do Brasil no século 20 (1940-1960)*. São Paulo: Publifolha, 2003.
- PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria(Orgs). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Imagens



- Acervo pessoal • Andreia Villar



- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bob-Marley.jpg>



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Elvis_Presley_1970.jpg



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Martin_Luther_King_Jr_NYWTS.jpg



- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:JohnFK.png>



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Flower-Power_Bus.jpg



- <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=38861>



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Warhol_exhibition.jpg



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rubens_Guerchman_1968_Policiais_Identificados_na_Chacina.jpg

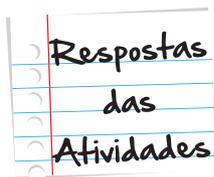


- <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=52393>



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Martin_Luther_King_-_March_on_Washington.jpg

- 
• <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=23033>
- 
• <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=31470>
- 
• <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=38013>
- 
• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Peace_symbol.svg
- 
• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RussianRainbowGathering_4Aug2005.jpg
- 
• <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=51458>
- 
• <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=31410>
- 
• <http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo4/g4/images/index.html>
- 
• <http://www.dhi.uem.br/labtempo/images/stories/imagens/folha-capa-apos-ai5.jpg>
- 
• <http://www.ipea.gov.br/participacao/fotos/344-fotos-une-75-anos>
- 
• <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mylinks/viewcat.php?cid=12&letter=D&min=40&orderby=titleA&show=10>
- 
• <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:PaniseCircenses.jpeg>
- 
• http://commons.wikimedia.org/wiki/File:1950%27s_television.jpg
- 
• <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=27387>
- 
• http://commons.wikimedia.org/wiki/File:7861_simone_de_beauvoir_cartier_bresson.jpg?uselang=pt-br



Atividade 1

Alguns dos trechos a seguir servem de resposta para a questão, pois traduzem a ideia de igualdade e justiça social:

“Eu tenho um sonho que um dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado de sua crença, nós celebraremos estas verdades e elas serão claras para todos, que os homens são criados iguais.”

“Eu tenho um sonho que um dia nas colinas vermelhas da Geórgia os filhos dos descendentes de escravos e os filhos dos descendentes dos donos de escravos poderão se sentar junto à mesa da fraternidade.”

“Com esta fé nós poderemos trabalhar juntos, rezar juntos, lutar juntos, para ir encarcerar juntos, defender liberdade juntos, e quem sabe nós seremos um dia livre. Este será o dia, este será o dia quando todas as crianças de Deus poderão cantar com um novo significado.”

Atividade 2

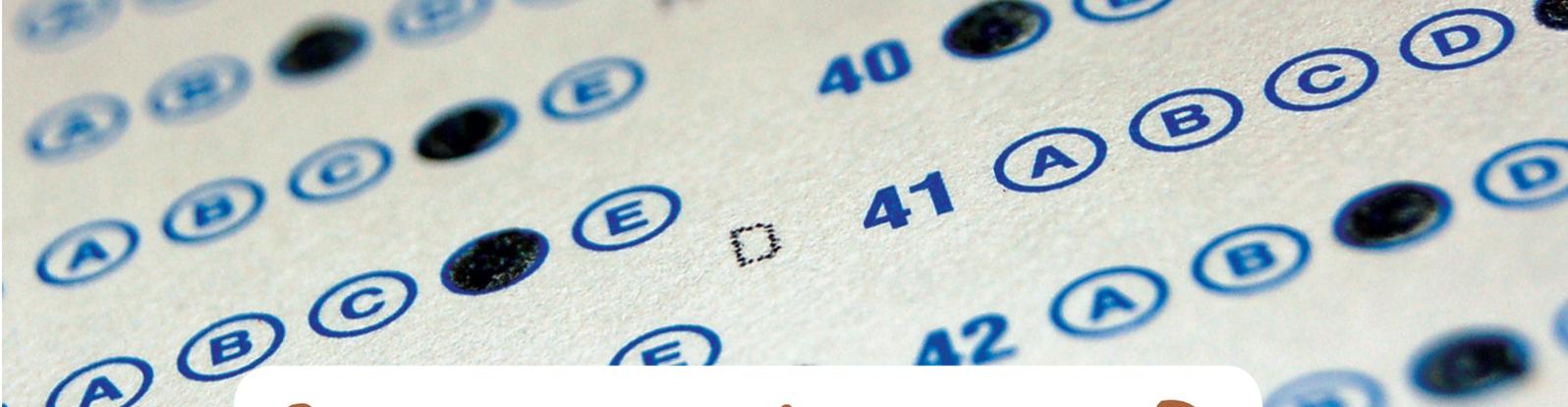
Apesar de todas as críticas sofridas, o Movimento Feminista já conquistou um lugar na sociedade brasileira, mesmo que precise lutar mais ainda para ser plenamente reconhecido. A busca por uma sociedade mais democrática e igualitária continua como um ideal a ser concretizado, pois ainda existe uma pressão social para que as mulheres se casem e cuidem da casa, obrigando-as a exercer uma dupla jornada.

Atividade 3

Resposta livre. O aluno deverá ser capaz de elaborar um texto sobre os preconceitos e violência ainda vivenciados por parte de nossa população e/ou sobre as melhorias no campo da garantia de direitos sociais.

Atividade 4

Ao tocar em dois temas centrais estudados na seção, como trabalho e cidadania, a letra aponta para a questão da injustiça social. Denuncia, ainda, a desigualdade social, nas grandes cidades, onde determinados grupos são expostos a humilhações e discriminações.



O que perguntam por aí?

Questão 1 (Enem)

O ano de 1968 ficou conhecido pela efervescência social, tal como se pode comprovar pelo seguinte trecho, retirado de texto sobre propostas preliminares para uma revolução cultural: “É preciso discutir em todos os lugares e com todos. O dever de ser responsável e pensar politicamente diz respeito a todos, não é privilégio de uma minoria de iniciados. Não devemos nos surpreender com o caos das ideias, pois essa é a condição para a emergência de novas ideias. Os pais do regime devem compreender que autonomia não é uma palavra vã; ela supõe a partilha do poder, ou seja, a mudança de sua natureza. Que ninguém tente rotular o movimento atual; ele não tem etiquetas e não precisa delas”.

Journal de la comune étudiante. Textes et documents. Paris: Seuil, 1969 (adaptado).

Os movimentos sociais, que marcaram o ano de 1968,

- foram manifestações desprovidas de conotação política, que tinham o objetivo de questionar a rigidez dos padrões de comportamento social fundados em valores tradicionais da moral religiosa;
- restringiram-se às sociedades de países desenvolvidos, onde a industrialização avançada, a penetração dos meios de comunicação de massa e a alienação cultural que deles resultava eram mais evidentes;
- resultaram no fortalecimento do conservadorismo político, social e religioso que prevaleceu nos países ocidentais durante as décadas de 70 e 80;
- tiveram baixa repercussão no plano político, apesar de seus fortes desdobramentos nos planos social e cultural, expressos na mudança de costumes e na contracultura;
- inspiraram futuras mobilizações, como o pacifismo, o ambientalismo, a promoção da equidade de gêneros e a defesa dos direitos das minorias.

Gabarito: Alternativa E.

Comentário: O movimento cultural de 1968 na França abrangeu vários países do mundo (inclusive Brasil). Tinha grande conotação política, mas não prevalecia. Entretanto, uma determinada corrente de pensamento, e, de modo geral, contestou as instituições políticas, culturais e educacionais.

Questão 2 (Enem 2011)

Em meio às turbulências vividas na primeira metade dos anos 1960, tinha-se a impressão de que as tendências de esquerda estavam se fortalecendo na área cultural. O Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE) encenava peças de teatro que faziam agitação e propaganda em favor da luta pelas Reformas de Base e satirizavam o “imperialismo” e seus “aliados internos”.

KONDER, L. História das Ideias Socialistas no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

No início da década de 1960, enquanto vários setores da esquerda brasileira consideravam que o CPC da UNE era uma importante forma de conscientização das classes trabalhadoras, os setores conservadores e de direita (políticos vinculados à União Democrática Nacional — UDN, Igreja Católica, grandes empresários etc.) entendiam que esta organização:

- a. constituía mais uma ameaça para a democracia brasileira, ao difundir a ideologia comunista;
- b. contribuía com a valorização da genuína cultura nacional, ao encenar peças de cunho popular;
- c. realizava uma tarefa que deveria ser exclusiva do Estado, ao pretender educar o povo por meio da cultura;
- d. prestava um serviço importante à sociedade brasileira, ao incentivar a participação política dos mais pobres;
- e. diminuía a força dos operários urbanos, ao substituir os sindicatos como instituição de pressão política sobre o governo.

Gabarito: alternativa A.

Comentário: os setores conservadores do início da década de 60 acreditavam que centros culturais como o CPC constituíam uma ameaça aos valores capitalistas.

